
Recebeu a nossa bandeira: Folia de Reis, comunicação e jornada do herói¹

Carlos Carvalho Cavalheiro²

Universidade de Sorocaba

Resumo

O presente trabalho tem como tema a manifestação da cultura popular como mídia e é guiada pela seguinte questão: as semelhanças entre os roteiros das Folias de Reis e a “jornada do Herói” permitem-nos concluir a construção de um espaço de comunicação? Desse modo emergem como objetivo geral compreender como se estabelece essa comunicação das Folias de Reis com sua comunidade. Em relação aos aportes teóricos, nos sustentamos em Campbell para entender a jornada do Herói, em Sodré para nos ajudar a conceituar a comunicação e em Hall para compreensão da articulação entre o local e o global e Santos para a definição da construção do espaço como meio de comunicação. Como metodologia, escolhemos a descrição densa da etnografia conforme Geertz e a revisão bibliográfica relativa ao assunto das Folias de Reis.

Palavras-Chave: jornada do herói; espaço; folia de reis; comunicação

Introdução

O interesse deste trabalho é analisar as semelhanças da manifestação das Folias de Reis com a chamada jornada do herói, buscando nas raízes do mito a forma de comunicação de tradições antigas, mas, ainda, de rituais que restabelecem a ligação com o sagrado e, ainda, nos reconecta ao equilíbrio da psique. Por isso, Campbell nos diz que o dos mitos e dos ritos na atualidade, que ele chama de “auxílio espiritual efetivo”, possa ser a causadora da “incidência tão grande de neuroses em nosso meio” (Campbell, 2007, p. 21).

A jornada ou giro, como é chamado “o roteiro formado por um grupo de Reis” (Pellegrini Filho, 1985, p. 63) possui semelhanças com a “jornada do Herói”? A hipótese é que sim, existe uma semelhança entre ambas, afinal “Percorremos um círculo completo, do túmulo do útero ao útero do túmulo: uma ambígua e enigmática incursão num mundo de matéria sólida prestes a se diluir para nós, tal como ocorre com a substância do sonho” (Campbell, 2007, p. 23).

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista CNPq do Observatório de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba. Doutorando em Comunicação e Cultura pelo PPGCC da UNISO (Universidade de Sorocaba).

Os giros das Folias de Reis seguem um padrão que podemos associar às histórias mitológicas: há um chamado da aventura, a recusa ao chamado (diante das dificuldades), o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar, o ventre da baleia, a iniciação (caminho de provas) e o retorno. Nas narrativas colhidas entre os foliões, podemos ver a presença de todos esses aspectos.

Assim, no seu giro, a Folia de Reis vai construindo um espaço comunicativo, produzindo “sentido por ser esse objeto comum [a comunicação], alcançado através das relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação” (Santos, 1996, p. 214). E nessa relação entre os foliões e quem recebe a bandeira, vai se criando um espaço comum e um território que ajuda a constituir uma identidade local (Hall, 2006). Do contrário, como ensina Santos (1996, p. 222) “Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”.

Então, a jornada do herói pressupõe o seu retorno e a comunicação de sua transformação durante sua peregrinação. Parece-nos que esse ponto chave se concretiza no caso das Folias de Reis, com a Festa da chegada.

Metodologia

Pretende-se realizar uma descrição etnográfica, com ênfase naquilo que Geertz chamou de “descrição densa”, acompanhando uma Companhia de Reis em seu giro e que se caracteriza por ser

uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (Geertz, 2008, p. 7).

Também será realizada uma revisão bibliográfica, com livros e artigos com temas específicos sobre as Folias de Reis.

Fundamentação teórica

Alguns autores sustentam a estrutura da pesquisa a partir de pressupostos teóricos. Dentre eles, Geertz (2008) que traz a questão descrição densa como ferramenta da etnografia. Campbell (2007), neste caso, é essencial para discorrer sobre a jornada do Herói. No entanto, utilizamos também Levi-Strauss (1978) para entender o significado dos mitos e Sodré (1996) para entendermos a comunicação como aquilo que deve ser

posto em comum. Por sua vez, Hall (2008) nos ajuda a refletir sobre a articulação entre o local e o global.

Resultados e contribuições da pesquisa

Os resultados preliminares apontam para a possível associação entre o giro das Folias de Reis e a chamada jornada do herói ou monomito. Nesse sentido, despertam reflexões sobre o porquê dessas semelhanças e emergem hipóteses como a de que o ritual das Folias de Reis seja, de fato, anterior ao cristianismo que ele supostamente comunica.

A estrutura em que se assentam os giros das Folias de Reis podem representar a comunicação de tradições muito antigas e rastreá-las pode nos levar a novos entendimentos sobre essas manifestações da cultura religiosa popular.

Referências

- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa (POR): Edições 70, 1978.
- PELLEGRINI FILHO, Américo. **Folclore Paulista**. São Paulo: Cortez: Secretaria de Estado da Cultura, 1985.
- SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura** – a comunicação e seus produtos. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.